

A FESTA NA CIDADE NO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX:
LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS DA CIDADE DA PARAHYBA –
BRASIL.¹

*THE PARTY IN THE CITY IN THE 19TH IN BEGINNING OF 20TH
CENTURY: MEMORIES OF THE PARAHYBA'S CITY. BRAZIL.*

*LA FIESTA EN LA CIUDAD EN EL SIGLO XIX Y PRINCIPIO DEL
SIGLO XX: RECUERDOS Y MEMORIAS DE LA CIUDAD DE
PARAHYBA – BRASIL.*

Doralice Sátyro Maia

Professora Adjunta e Pesquisadora CNPq na Universidade Federal da Paraíba
Programa de Pós-graduação em Geografia
Rua Miguel Sátyro, 150, apt. 401. Cabo Branco. 58045-110. João Pessoa – PB.
Email: doramaia@ccen.ufpb.br

Nirvana Lígia Albino Rafael Sá

Mestranda pela Universidade Federal da Paraíba / Programa de Pós-Graduação em Geografia
Rua Wilson Camboin Câmara, 151. Valentina II. 58.063-070. João Pessoa – PB.
E-mail: nirvanaligia@hotmail.com

Resumo

A festa é um fenômeno social regido por regras, leis, lógica própria. As cerimônias, os rituais e as celebrações compõem a sua identidade. Nas cidades as festas acontecem sejam como festas populares, sejam como festas tradicionais. Nas cidades brasileiras as festas da padroeira ocorrem desde o período colonial e marcam o calendário local,

¹ A produção deste artigo deu-se a partir da realização da pesquisa “A rua e a cidade: geografia histórica: morfologia urbana e cotidiano” financiada pelo CNPq nas modalidades Bolsa Produtividade, Bolsa Iniciação Científica e Edital de Humanas (2007-2008). Os depoimentos e as entrevistas, bem como o levantamento documental foram realizados pela equipe que integra o projeto: Doralice Sátyro Maia (PPGG/UFPB), Ana Carolina Strapação Guedes Vianna (Bolsista PIBIC/CNPq/ UFPB), Andréa Leandra Porto Sales (mestranda PPGG/UFPB), Maria Simone Moraes Soares (Bolsista PIBIC/CNPq/ UFPB), Nirvana Lígia Albino Rafael de Sá (mestranda PPGG/UFPB), Rita de Cássia Gregório de Andrade (Mestranda PPGG/UFPB).

representam uma homenagem ao(à) santo(a) local, mas também celebram o dia da fundação da cidade, portanto unem o religioso com o profano e ainda em muitos casos o cívico. No século XIX e nas primeiras décadas do século XX, essas festas eram eventos de grande importância na vida dos habitantes da cidade. A partir dos registros documentais, mas principalmente da memória de antigos habitantes da cidade de João Pessoa-PB, então cidade da Parahyba, procura-se resgatar as festas civis e religiosas e a sua significação para a vida da cidade.

Palavras-chaves: festa; memória, cidade, festas civis, padroeira.

Abstract

The party is a social phenomenon that has its own rules, laws and its own logic. Ceremonies, rituals and celebrations compose its identity. In the cities, parties happen as popular parties or traditional parties. In Brazil's cities the patron saint's parties occur since the colonial period and they mark the national's calendar. The patron saint's parties represent an homage of each cities patron saint, but also they represent the cities foundation day, therefore it unites the religious aspect and de profane one, and yet, in many cases, the civil aspect of parties. In 19th and the first decades of 20th century those parties were events with great importance in the cities inhabitant's life. This paper try to rescue the civil and saint parties as well its meaning to the life of this city from the documental registrations, and mainly from the Joao Pessoa's inhabitants memories.

Key- Words: party; memory; city; patron saint

Resumen

La fiesta es un fenómeno social definido por reglas, leyes y por una lógica propia. Las ceremonias, los rituales y las celebraciones constituyen su identidad. En las ciudades, las fiestas son tanto fiestas populares, como fiestas tradicionales. En las ciudades brasileñas, las fiestas de la patrona existen desde el período colonial y marcan el calendario local, representan un homenaje al santo del lugar, pero también celebran el día de la fundación de la ciudad, y portanto, unen lo religioso con lo profano y además, en muchos casos, lo cívico. En siglo XIX y en las primeras décadas del siglo XX, esas fiestas eran eventos de gran importancia en la vida de los habitantes de la ciudad. Con base en los documentos oficiales y principalmente en la memoria de antiguos vecinos de la ciudad de João Pessoa (PB- Brasil) en este período denominada Ciudad de Parahyba, se intenta resgatar las fiestas civiles y religiosas y su significado para la vida de la ciudad.

Palabras-claves: fiesta, memoria, ciudad, fiesta civil, patrona.

Introdução

A *fiesta* integra a história da humanidade e, portanto, a história da cidade. Em todo o tempo, desde a Antiguidade, as cidades tiveram as suas festas, elas compunham a vida dos seus habitantes. Nas cidades brasileiras, as festas também sempre se fizeram

presentes desde o período colonial. Enquanto fenômeno social e manifestação cultural, a *feira* simboliza os costumes, as crenças, mas também o poder e as diferenças sociais. Resgatar a história das feiras na cidade da Parahyba é o principal objetivo deste escrito. Para tanto, faremos uso da memória, entendida como “um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1996, p.476).

A investigação da memória pressupõe a escolha das fontes. Entendendo que a imprensa representa um importante instrumento para a memória, faremos uso da imprensa paraibana do século XIX e início do século XX para resgatarmos as feiras da Cidade da Parahyba, as suas manifestações e ainda a sua importância para a vida na cidade. Aqui, os jornais e as revistas pesquisadas não representam apenas “suporte de textos consagrados, escritos por autores ilustres”, mas como fonte da memória coletiva que vai se legitimando ao longo do século XIX. (BARBOSA, 2007, p.16). Além destes instrumentos, foram produzidos documentos através da realização de entrevistas no intuito de registrar a memória, mas também as lembranças daqueles que viveram na cidade estudada nas primeiras décadas do século XX. Estas entrevistas foram realizadas seguindo uma série de procedimentos: confecção do roteiro geral, seleção dos entrevistados, contato inicial, roteiro individual, anotações em caderno de campo, gravação e transcrição.

A Festa: Introdução Ao Seu Significado

A literatura indica que a *feira* acompanha o homem em todos os tempos e civilizações, portanto sempre esteve presente na história da humanidade. Normalmente, entende-se por *feira* o fenômeno social que possui regras, leis e uma lógica própria que é identificada à cerimônia, ao lúdico, ao extraordinário. De acordo com Mikhail Bakhtin (1987, p. 7), as “festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante, da civilização humana” e que sempre tiveram um “sentido profundo”, um “conteúdo essencial” expressando sempre uma “concepção de mundo”.

Henri Lefebvre, em *Critique de la vie quotidienne (volume I)*, ao escrever sobre as feiras no campo francês, diz que a regularidade das feiras, da mesma forma que o

trabalho no calendário rústico, representava a regularidade dos atos humanos e que isso parecia assegurar a regularidade das estações. Acrescenta que a *festa* não é somente prazeres, comunhão, participação da vida *dionisíaca*², mas ela é também uma cooperação com a ordem da natureza. (LEFEBVRE, 1958, p.217).

A idéia da natureza, na vida do homem, possibilitou a existência da relação entre *festa* e religião, uma vez que àquela se atribuía explicações para muito daquilo que estava no campo do desconhecido. Por sua vez, o desconhecido, mas sentido e exibido como misterioso ou enigmático, exigiu interpretações que permitiram às religiões constituir uma base para as celebrações festivas.

Segundo Mikhail Bakhtin (1987), a morte e a ressurreição, a alternância e a renovação sempre estiveram na origem das festividades. Para Bakhtin, “[...] são precisamente esses momentos — nas formas concretas das diferentes festas — que criaram o clima típico da festa.” (BAKHTIN, 1987, p.8).

Fustel de Coulanges, em *A cidade antiga* ao tratar da “religião da cidade (capítulo VII)” menciona dois pontos fundamentais para a sua compreensão, os banquetes públicos e o calendário de festas. Diz Coulanges

Em todos os tempos e em todas as sociedades, o homem quer honrar os seus deuses com festas; estabelece, assim, dias durante os quais somente o sentimento religioso reinará em sua alma, sem ser chamado a pensamentos ou a trabalhos terrenos. Do número de dias que o homem tem para viver, deu uma parte aos deuses. (COULANGES, 1987, p. 166).

Na civilização antiga, mais precisamente na Grécia e na Itália, “tudo quanto era sagrado dava lugar a uma festa”. (COULANGES, 1987, p.166). Dessa forma, como todas as *urbes* haviam sido fundadas segundo ritos para fixar os deuses nacionais, existia a festa da muralha da urbe, a *amburbalia*; a dos limites de território, *ambarvalia* e a festa do fundador. Nesta última, quando depois “de cada um dos heróis da cidade, cada uma das almas invocadas pelos homens como protetoras, exigia o seu culto”. (Idem, *ibidem*). Porém, existiam também as festas do campo que celebravam o trabalho

² Para melhor compreensão do termo *dionisíaco*, buscamos o seu sentido em *A origem da tragédia* de F. Nietzsche. As tragédias gregas eram regidas pelo espírito *dionisíaco* e pelo espírito *apolíneo*, em um “extraordinário antagonismo”, tanto de origens como de fins, que existe no mundo grego entre a arte plástica ou *apolínea* e a arte sem formas ou musical, a arte *dionisíaca*. O *estado dionisíaco* pode ser entendido enquanto “o êxtase arrebatador que, perante a falência do princípio de individuação, surge do

e tudo que estava relacionado à vida no campo, que também era atrelada à vida religiosa, ao sagrado. Coulanges adverte para o fato de que “o característico destas festas religiosas estava na suspensão do trabalho, na obrigação de estar alegre, no canto e jogos em público.” (Idem, p.167).

A outra característica das *festas* é o banquete. Comumente as celebrações festivas acontecem em torno de uma mesa farta. Na Antiguidade, são bastante conhecidos os grandes banquetes públicos, em que era realizada toda a cerimônia religiosa. Aqui, o banquete está intrinsecamente ligado à religião. A comunhão do homem com o(s) seu(s) Deus(es) dava-se através de uma grande refeição. Fustel de Coulanges escreve sobre as grandes refeições na Grécia e na Itália. Ele diz que todas as cerimônias tanto de culto doméstico como de culto à cidade são regadas com grandes refeições. E que, além dos grandes banquetes onde se reuniam todos os cidadãos, a religião prescrevia a obrigatoriedade de uma refeição sagrada todos os dias.

[...]. Para este fim, alguns homens escolhidos pela cidade, deviam, em seu nome, comer juntos, no recinto do pritaneu, na presença do lar e dos deuses protetores. Os gregos estavam persuadidos de que, se um só dia se esquecesse esta refeição, logo o Estado ficava ameaçado pela perda do favor dos seus deuses. (COULANGES, 1987, p.163).

Esse tipo de cerimônia faz-se presente em Roma onde, em festas solenes, as mesas eram postas nas ruas, quando todo o povo participava. Dessa forma, conclui Coulanges a “associação humana era uma religião; o seu símbolo, a refeição praticada em comum.”. (Id., p.165).

Essa forma de manifestação perpetua-se por toda a história, apesar de ser expressa de diferenciadas maneiras. Mikhail Bakhtin, ao analisar a obra de Rabelais³, diz que a imagem do banquete está organicamente associada a todas as imagens de festas populares e que, portanto, o “banquete é uma peça necessária a todo regogijo popular.” (BAKHTIN, 1987, p. 243).

que há mais de profundo no homem, do que há de mais profundo na própria natureza.” (Nietzsche, 1996 p. 39-43).

³ François Rabelais, escritor da literatura francesa, um dos grandes nomes da literatura universal. Bakhtin elege Rabelais como sendo o mais “popular” e o mais “democrático” dos autores do Renascimento. Sua obra caracteriza-se por unir o popular ao erudito, o velho e o novo, o real e o imaginário. (Bakhtin, 1987).

Há ainda que se apontar as diferenças entre o que se denomina *festas populares* e *festas tradicionais*. Jaume Colomer ao estudar as festas da *Catalunya* explica que as festas tradicionais são aquelas que se celebra a cada ano, de maneira fixa e continuada, embora com o tempo possam ter modificações. Mas o importante é que a festa segue viva havendo de evolucinar e adequar-se cada ano às novas necessidades que vão surgindo. Já as *festas populares* têm um outro sentido, bastante diferente, muito embora as *festas tradicionais* são na maioria das vezes *populares*, contudo, estas últimas são festas criadas do novo. Explica o autor: “Uma festa <<popular>> és uma festa em la qual els homes i lês dones que viuen em una comunitat són protagonistes d’alló que s’hi fa. És a dir, que són ells, tots ells, els qui fan la festa a l amida del seu gust”. (COLOMER, 1978 apud PRAT & CONTRERAS, 1987, p. 10).

Assim, muito embora as *festas populares* signifiquem a participação de toda a população do lugar, ou melhor, que há a predominância da igualdade em detrimento da desigualdade, a ausencia do status contra a rígida estratificação social, contudo, há de destacar que nestas festas também podem reproduzir as diferenças sociais: de um lado os lugares, os festejos dos ricos e de outro os festejos e os lugares permitidos aos pobres. Tais diferenças se revelam com maior destaque nas *festas tradicionais*, como as *festas* que celebram as padroeiras da cidade e o dia das suas fundações.

No Brasil, as *festas* foram estudadas principalmente por sociólogos e antropólogos. Como fato marcante das festividades brasileiras está o caráter religioso. Mesmo que tenham surgido independentemente de comemorações religiosas elas foram incorporadas ao calendário religioso, a exemplo do carnaval, que, apesar de não coincidir com nenhum fato da história sagrada, com nenhum dia de santo, realizava-se alguns dias antes da quaresma.⁴

Bakhtin, ao referir-se aos acontecimentos da Idade Média e do Renascimento, escreve:

Os festejos do carnaval, com todos os atos e ritos cômicos que a ele se ligam, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval. (...). O princípio cômico que preside aos ritos do carnaval, liberta-os totalmente de qualquer dogmatismo religioso ou eclesiástico, do misticismo, da piedade, e eles são além disso completamente desprovidos de caráter mágico ou encantatório (não pedem nem exigem nada). Ainda mais, certas

⁴Vide Bakhtin, 1987: 7.

formas carnavalescas são uma verdadeira paródia do culto religioso. Todas essas formas são decididamente exteriores à Igreja e à religião. Elas pertencem à esfera particular da vida cotidiana. (BAKHTIN, 1987, p. 3-6).

Diante do exposto, muito embora concordemos com a idéia de que na *festa* exista a idéia de ruptura, de explosão da vida cotidiana, não aceitamos a sua concepção enquanto acontecimento fora da vida cotidiana, pois entendemos que, a despeito de o mundo moderno ter fragmentado a vida em vida do trabalho, do descanso e do lazer, a *festa*, no sentido mais “puro” do termo, representa algo da vida humana em que o trabalho, o lazer, o lúdico, o riso, o sagrado, o doméstico constituíam um todo.

Explica Henri Lefebvre em *Critique de la vie quotidienne* (volume II):

[...] la vie quotidienne comprend un ensemble de <<fonctions>> élémentaires dont émergent les fonctions dites supérieures. Elle enveloppe donc les *formes immédiates et naturelles de la nécessité* (besoins, temps cycliques, spontanéité affective et vitale) ainsi que les germes de l’activité qui les domine (abstraction, raison, temps linéaire). Elle comprend ensuite la région de l’*appropriation* continue des objets et des biens, de l’élaboration des désirs à partir des besoins, et de la correspondance entre les <<biens>> et les désirs. Dans cette zone se confrontent le nécessaire et l’aléatoire, le possible et l’impossible, l’approprié et ce qui échappe, la chance et la malchance empiriques. Elle ne va pas sans un effort pour élargir le possible. Régions de la réalisation et de la non-réalisation, de la jouissance effective et possédée (appropriée) comme de la non-jouissance, c’est le lieu du mouvement dialectique <<aliénation-désaliénation>>. (LEFEBVRE, 1961, p.66-67).

Reafirmamos o nosso entendimento de que a *festa*, no seu sentido genuíno, representava momentos de “explosão”, de alegrias, de total prazer na vida cotidiana. Como disse Bakhtin anteriormente, ela pertencia à vida cotidiana. E como afirma Lefebvre (1961), “a festa distinguia-se da vida cotidiana tão só pela explosão das forças lentamente acumuladas na e por esta própria vida cotidiana.” (LEFEBVRE, 1958, p. 216).

É neste sentido que Mikhail Bakhtin discorda do entendimento de festa enquanto descanso do trabalho. Para esse autor, para que as festas aconteçam é preciso um

elemento pertencente ao campo do espírito e das idéias, daquilo que ele chama de “*fins superiores da existência humana*”, ou do “mundo dos ideais”. (BAKHTIN, 1987, p. 8).

Juan Atienza entende que, com a contínua concentração populacional em grandes cidades, há uma perda das raízes que unem as pequenas comunidades. Atienza prossegue a sua análise afirmando que muito freqüentemente, quando “a velha festa” é mantida, ela ocorre enquanto atrativo para visitantes que a assistirão como em um zoológico, “a contemplar los rescoldos de una existencia que ya pertenece al más oscuro pasado y que se conserva como impregnada en formol gracias a las inyecciones de curiosidad — y de consumo — que aportan los turistas circunstanciales, atraídos la mayor parte de las veces por la publicidad que la fomenta”, o que representa mais uma forma do lazer consumista. (ATIENZA, 1997, p. 12). Temos, assim, a transformação da *festa* em *espetáculo*. Neste, já não se vive a *festa*, mas sim se assiste à *festa*; já não se constrói coletivamente, mas compra-se a entrada, a comida, a dança.

Sabe-se que no Brasil, as festas — especialmente aquelas periódicas — estão fortemente ligadas ao calendário religioso: Natal, Carnaval, Páscoa, S. João, S. Pedro, N. S^a da Conceição, Iemanjá, entre outras. Contudo, as cidades desde as suas origens tinham um ente religioso como protetor. Tal fato é inclusive o responsável pela denominação de muitas cidades brasileiras, a exemplo de São Sebastião do Rio de Janeiro, São Salvador e também da Cidade de Nossa Senhora das Neves, atual João Pessoa-PB.⁵ de abrangência mais local.

O historiador e antropólogo Roberto DaMatta, ao analisar o sistema ritual brasileiro, entende que há uma classificação dos eventos segundo a sua ocorrência. Para esse autor, existem os eventos que fazem parte da “rotina do cotidiano chamado no Brasil de ‘dia-a-dia’ ou simplesmente ‘vida’,” e os eventos que acontecem “fora desse ‘dia-a-dia’ repetitivo e rotineiro: as ‘festas’, os ‘cerimoniais’(ou cerimônias), as ‘solenidades’, os ‘bailes’, ‘congressos’, ‘reuniões’, ‘encontros’, ‘conferências’, etc.” (DAMATTA, 1990, p.39). Dessa forma, podemos afirmar que, para DaMatta, a *festa* é

⁵ Vale registrar que muitas festas brasileiras, mesmo aquelas da cidade acontecem de acordo com o calendário agrícola, portanto mantinham estreita ligação com a realidade do campo, representando a época da colheita, como as festas do chamado ciclo junino, ou seja, o conjunto das três festas do mês de junho, em homenagem aos três santos: Santo Antônio, São João e São Pedro. É também dessa forma que Maria Célia Crepschi, em sua tese de Doutorado em Antropologia, *Num tempo e num espaço, fora do tempo e fora do espaço: um estudo do ciclo junino em Piracicaba-São Paulo*, define as festas do ciclo junino. (CREPSCHI, 1992, p.5).

entendida como sendo de fato uma explosão da vida cotidiana, não naquele sentido dado por Lefebvre ou mesmo Bakhtin, mas sim daquilo que está fora da vida e cujo sentido é romper com essa vida.

Roberto DaMatta, na obra *A casa e a rua*, defende a tese de que “o sistema ritual brasileiro é um modo complexo de estabelecer e até mesmo de propor uma relação permanente e forte entre a casa e a rua, entre ‘este mundo’ e o ‘outro mundo’. Dessa forma, a festa, a cerimônia, o ritual são entendidos enquanto “modalidades de relacionar conjuntos separados e complementares de um mesmo sistema social.” (DAMATTA, 1991, p.67).

Seguindo de certa forma essa linha de raciocínio, Maria Célia Crepschi, em trabalho supracitado, procura desvendar os sentidos dos símbolos no ciclo junino (o mastro com a efígie dos santos, os alimentos, o fogo e a água) utilizando-se da fenomenologia. Segundo Crepschi, a universalidade atingida pelos símbolos está “no tempo e no espaço festivo e, ao mesmo tempo, fora do tempo e fora do espaço”, daí o título do seu trabalho. Buscando desmistificar os símbolos, a autora faz a sua apreensão a partir do entendimento de que a estrutura é o cotidiano e a anti-estrutura é a festa. Escreve:

Se partirmos do pressuposto de que as festas juninas são uma manifestação do catolicismo popular e que esse catolicismo, de maneira sucinta, se entende como uma relação direta entre os deuses e os homens, que nada mais é do que as relações estabelecidas entre os próprios homens, conseguiremos abarcar nesse nível de análise as funções sociais dos símbolos, assim como compreender a religiosidade enquanto expressão da trama social. (CREPSCHI, 1992, p.13-14).

A referida autora entende ainda que o ciclo junino constitui parte significativa de herança cultural, estando, assim, sujeito a mudanças sociais. Ela registra a não participação de muitas pessoas já que muitos são os encargos da organização e constata a perda de costumes, a invasão de alguns elementos da cidade, que se fazem presentes, por exemplo no cardápio festivo. Além disso, os poderes públicos contribuem com a festa através da propaganda, da sua inserção no calendário turístico e cultural do município. Dessa forma, muito embora permaneça enquanto ritual, a festa “não guarda o mesmo significado”, pois antes ela reforçava as relações sociais entre os homens e a

natureza, com a “vida rural, a pequena propriedade, as formas de sociabilidade como o mutirão”. (CREPSCHI, 1992, p.16).

Crepchi também entende a festa como o “extraordinário”, o “não previsto pelas normas ou regras sociais, construído pela e para a sociedade” . Finaliza seu raciocínio dando ênfase ao fato de que “o universo dos acontecimentos ‘extra-ordinários’ determina nítida separação em relação ao domínio do cotidiano”. (CREPSCHI, 1992, p. 6).

Sobre o sentido da festa na vida cotidiana, Suzanna S. Evelyn (1988) tem um entendimento diferente do apresentado por Crepschi. A autora, ao estudar as migrações temporárias de um grupo de trabalhadores rurais do Sertão da Bahia para a cidade de São Paulo, afirma que, na cidade, “o trabalho engole a vida”, ocupando praticamente todas as horas do dia, não havendo, portanto, lugar para a festa. Nas palavras da autora, na “vida” dos migrantes em São Paulo, foram extintas “a atenção para com a família, a troca de idéias, os bailinhos e mais do que tudo a consideração com que se é tratado”. Para esses migrantes, o fato de estarem na cidade por um período temporário não permite considerar “os pontos de encontro de migrantes, as conversas de botequim, os jogos de sinuca” como momentos festivos, mesmo porque eles não se sentem pertencendo ao contexto urbano e, ainda pela mesma razão, eles também não trazem a festa do sertão para São Paulo. A autora, ao falar de festa, considera os três níveis: “acontecimento alegre, cerimônia coletiva e o ponto de vista de parte — aquilo que tem um significado para o grupo e, que, sem ser um ritual de celebração, é assim mesmo algo intrínseco ao modo de ser deste grupo, à sua forma de organização social.” (EVELYN, 1988, p.145-148).

A menção ao “pertencimento” feito por Evelyn está diretamente relacionado ao sentimento coletivo que a *festa* tem em contraposição ao exacerbamento do poder de consumo. E ainda, ela revela o elo que as pessoas têm com os outros níveis da vida: do trabalho, das crenças, da família; sem haver, portanto, necessidade de romper com esses outros níveis, ao contrário, de celebrá-los. Concordamos com Evelyn que esse seja o mais legítimo sentido da *festa*.

Como afirmado anteriormente, nas cidades brasileiras, a *festa* marca a vida dos seus habitantes e por sua vez, imprimem registros espaço temporais. Ao pesquisar a geografia histórica da cidade de João Pessoa, mais exatamente as ruas que marcaram o

que denominamos de cidade histórica ou tradicional, além da pesquisa documental e da observação e descrição da paisagem, utilizamos como recurso metodológico os registros da memória das pessoas que viveram nas ruas estudadas nas primeiras décadas do século XX. Através desses depoimentos, percebemos a importância das festas na vida das pessoas e portanto na vida da cidade que por conseguinte marcaram a morfologia e o cotidiano da cidade no período supracitado.

Assim, as festas que celebram os santos, mesmo que estejam também atreladas às comemorações cívicas, como as fundações das cidades, mantêm o caráter de ser um festejo popular, tradicional e também religioso, já que tem como princípio a devoção e o culto aos santos. Nas palavras de Contreras (1987), “La devoció i culte als sants és, probablement, fruit d’um procés sincrètic del que l’església, aprofitant consuetuds populars, va extreure diversos elements, després de cristianitzar-los. Els sants, dintre la concepció cristiana tenen un paper de mediació entre l’home i la divinitat” (PRAT & CONTRERAS, 1987, p. 56-57). De fato, a origem das festas das padroeiras deu-se enquanto celebrações aos santos, dando às festas um caráter eminentemente religioso. Contudo com as mudanças políticas e sociais e com a separação das instituições Estado e Igreja, as festas religiosas vão cada vez mais incorporando elementos da vida laica, instituindo muitas vezes “rituais profanos” nas celebrações cristãs. Tais modificações impõem uma divisão espacial para os atos e celebrações que se revelam cada vez mais enquanto momentos de “ruptura” e “explosão” da vida cotidiana.

Com base no exposto, este artigo tem como principal objetivo trazer os registros da memória dos habitantes da cidade de João Pessoa, então cidade da Parahyba para resgatarmos a importância e o sentido da *feira* seja na dinâmica da cidade, seja na vida dos seus habitantes.

As Festas da Cidade da Parahyba

No período colonial a vida nas cidades brasileiras era normatizada pelas leis eclesiásticas que definiam também os eventos e as festas a serem realizadas na cidade. Como muitas cidades de origem portuguesa ou espanhola, as cidades brasileiras comemoravam o dia da sua fundação com festividades em função do santo ou santa daquele dia, em outras palavras, da sua padroeira.

No século XIX, a partir de documentação analisada podemos perceber que na Cidade da Parahyba as festas estavam principalmente associadas às comemorações religiosas. Como exemplo temos os registros dos “novenários” e das procissões que se davam com o intuito de festejar o santo do dia ou o padroeiro de cada igreja. Neste período, a cidade ainda era fortemente marcada pelos prédios de administração pública, como também pelas igrejas e sedes das ordens religiosas que interferiam e muitas vezes até condicionavam e disciplinavam a vida dos seus habitantes.

As denominadas novenas, ou seja, as rezas realizadas no tempo contínuo de nove dias, eram muito freqüentes na cidade e eram bastante noticiadas pela imprensa local. O Jornal *O Tempo*, em 13 de julho de 1865 registra que as novenas de Nossa Senhora do Carmo iniciaram no dia 07 desse mesmo mês no “respectivo convento”. Ressalta ainda que devido ao “tempo invernos”, a “concurrência ha sido limitada”, mas ainda que os “os actos vão sendo executados com máxima decência e respeito”. A notícia mostra a importância do acontecimento para a vida dos habitantes da cidade e ainda revela o significado da festa: a reza também era uma festa. Festa esta regida pela igreja dentro da sua disciplina e que exigia “decência e respeito”.

Assim como as “novenas”, as procissões também marcavam o calendário das festas na cidade. Se no mês de agosto se comemorava a santa padroeira, inclusive com procissão, neste mesmo mês outros atos religiosos eram celebrados, a exemplo da procissão da Senhora da Boa Morte que ocorria no convento do Carmo, mas que também normalmente percorria em procissão as ruas da cidade. Contudo, como o mês de agosto era um período de bastante chuva (invernos) na cidade, há registros de que em alguns anos a procissão não pudera percorrer as ruas da cidade “como estava anunciado, em consequência das chuvas constantes de segunda feira”, limitando-se às ruas da Cadeia e Direita. (Jornal *O Tempo*, 17 de agosto de 1865).

Já em setembro do mesmo ano, tem-se a notícia da procissão de Nossa Senhora das Dores “acompanhada de bastante imagens” e que partia da matriz e percorria as ruas

da cidade alta e o Varadouro⁶ sendo acompanhada por um “batalhão cívico desta capital”. A festa prosseguia até a noite, sendo encerrada por uma “ladainha”⁷

Contudo, vale ressaltar que no período imperial as mudanças políticas vão provocar alterações nas normativas urbanas e também na vida da cidade. Neste momento, o governo imperial determina que as províncias comemorem os atos, as vitórias, as decisões e inclusive as datas comemorativas (nascimentos, casamentos, etc.) da família real. Assim, os governos provinciais determinam as celebrações nas suas capitais, bem como nas cidades interioranas. No jornal *O Tempo* de 20 de março de 1865, tem-se o registro de um festejo público:

Ao constar no bairro do Varadouro as notícias da entrega de Montevideú às forças do Império e da vitória alcançada no Matto Grosso contra os Paraguayos, grande foi o entusiasmo do corpo do comércio nacional e estrangeiro residente naquele bairro, o qual, tendo a sua frente o negociante, Sr. Antonio Dias Pinto, deliberou percorrer as ruas da cidade precedido de uma banda de música e levando alvorado o pavilhão nacional, o que effectuou-se as 4 horas da tarde de sábado, 18 do corrente.

Chegando o préstito a frente do palácio, a elle reunirão-se o Sr. Presidente da província e demais autoridades, que o acompanharão nesse passeio patriótico. A concorrência do povo foi imensa.

À noite iluminarão-se todas as casas da cidade e as diversas repartições públicas. Louvores sejam dados ao iniciador da tão bella idéia e ao distincto corpo de comércio da Parahyba, por essa prova de interesse e dedicação pela sagrada causa do Brasil. (Jornal *O Tempo*, 20 de março de 1865).

Dentre as festividades cívicas mais anunciadas e comemoradas pelo governo imperial estava a do aniversário da independência do Brasil. Tal acontecimento manifestava-se por todo território brasileiro, em especial nas capitais da província. O Jornal *A Gazetinha*, noticia a celebração do aniversário da independência na Cidade da Parahyba:

⁶ A Cidade da Parahyba desde a sua fundação até meados do século XX era espacialmente demarcada pelas duas unidades geomorfológicas: a Cidade Alta, na colina ou sobre o tabuleiro onde foram instalados os prédios administrativos e religiosos e também onde foram edificadas as casas pertencentes aos ricos proprietários agrícolas e a Cidade Baixa ou Varadouro que correspondia a planície fluvial e onde estavam instalados o Porto do Capim, os armazéns e também os estabelecimentos comerciais.

⁷ Oração formada por uma série de invocações curtas e repetidas.

Hoje, em solemnização do aniversário da independência e do império, haverá no palácio do governo corteja á effigie de S. M. o Imperador – secretaria da presidência baixarão convites para assistirem a esse acto todos os funcionários públicos, officialidade da guarda nacional, magistrados, membros da assemblea provincial, cónsules estrangeiros e mais cidadãos qualificados. Uma guarda de honra do 1º batalhão da guarda nacional deste município fará a continências do estilo. (Jornal *A Gazetinha*, 07 de setembro de 1865).

As matérias jornalísticas denotam que no século XIX, embora ainda exista uma forte imbricação entre o Estado e a Igreja, é a partir deste período que se inicia a separação entre essas instituições e que conseqüentemente, as normativas da cidade, a vida na cidade e, por conseguinte, as festas na cidade irão refletir essa conjunção e/ou separação das celebrações. Pois, se de um lado a Igreja mantinha as suas celebrações, com as procissões, as novenas e as ladainhas, por outro o governo imperial, através da presidência da província realizava solenidades cívicas em homenagem a todos os acontecimentos importantes para o império: desfiles cívicos, homenagens com tiros, discursos e músicas tocadas pelas bandas militares. Percebe-se também que muitas *festas* uniam o cívico e o religioso. É o que se apreende de uma matéria do Jornal *O Tempo* ao relatar que

[...] ao saber-se do desenlace do sitio de Uruguayana, ás 11 horas da noite, partiu da rua Nova, onde achava-se grande concurso de pessoas assistindo os festejos das Neves, um crescido numero de cidadãos, que percorrerão algumas ruas da cidade, com uma musica á frente, dando vivas á nação, á S. M. o Imperador, exercito, etc. Hoje e amanhã iluminar-se-há a cidade em signal de regozijo por igual motivo, havendo amanhã outro *te –deum*⁸ na Igreja do Carmo. (Jornal *O Tempo*, 16 de outubro de 1865).

Já no século XX, destacam-se as mudanças na estrutura e na vida da cidade em função da instalação dos equipamentos modernos como a iluminação elétrica, a água encanada, o alargamento e o calçamento das ruas, a construção de praças e jardins. Tais alterações provocam mudanças na vida dos seus habitantes e, portanto, nas suas manifestações culturais, nas suas celebrações. Waldeci Chagas, ao estudar a Cidade da

⁸ Cerimônia religiosa acompanhada pelo cântico de mesmo nome, que principia com as palavras latinas *te-déum*, em ação de graças.

Parahyba no início do século XX e ao analisar as implementações dos equipamentos modernos diz que “com a implementação e melhoria das praças, os moradores incorporaram ao cotidiano a organização e participação nas festas públicas. A partir de então, tornaram-se comuns, nas praças da cidade, as comemorações alusivas ao Natal, ao Ano Bom e às quarmesses” (2002, p. 157). Porém no período republicano, cada vez mais vão ocorrer as festas cívicas que não só celebram os fatos e datas, mas também as construções dos prédios públicos, como as escolas de destaque na cidade. Essas alterações nas comemorações iniciam-se na Europa desde o século XIX, quando o processo de laicização das festas e do calendário, de acordo com Le Goff (1996), “facilita em muitos países a multiplicação das comemorações”. (p. 463). Complementa o autor: “A partir de meados do século XIX, aproximadamente, uma nova vaga de estatutária, uma nova civilização da inscrição (monumentos, placas de paredes, placas comemorativas nas casas de mortos ilustres) submerge as nações européias” (LE GOFF, 1996, p. 464).

Na cidade da Parahyba, o Jornal *A União* de 04 de abril de 1913, noticia a festa de re-inauguração do Lyceu Parahybano. Trata-se de celebrar a reabertura da grandiosa instituição de ensino na Paraíba. “Como forma de recuperar o seu prestígio, esta festividade ocorreu em meio a grande luxuosidade, e contava com a presença de ilustres figuras da política paraibana, como o presidente do Estado, Castro Pinto (1912-1916), o diretor do Lyceu, Thomaz Mindello, o secretário da educação, Francisco Xavier, entre outros”. (LOUREIRO & KULESZA, 2005, p. 10). Essas festas transcorriam durante o dia com discursos e uma “marcha” que partia do prédio inaugurado, o Lyceu, e percorria as ruas da cidade. Este desfile era conduzido ao som da banda da Força Policial do Estado.

Esse tipo de manifestação cívica era bastante usual na cidade nas primeiras décadas do século XX, seja para comemorar datas históricas, seja para celebrar formaturas, ou homenagear políticos locais. As “marchas” percorriam as ruas da cidade, fazendo quase sempre o mesmo percurso. As principais ruas percorridas eram a Rua Duque de Caxias (antiga Rua Direita, da Baixa e da Cadeia) e a Rua General Osório (antiga Rua Nova). A escolha destas vias não se dava por acaso. Estas eram as principais artérias da cidade e onde se encontravam os principais edifícios públicos como o Palácio do Governo.

Nas primeiras décadas do século XX, dava-se bastante destaque às festas cívicas. Uma das mais divulgadas pela imprensa era a denominada Festa Centenária. A *Revista Era Nova* de 1922 noticia os festejos da cidade para celebrar o primeiro centenário de aniversário da independência do Brasil. As manifestações eram as marchas e os desfiles nas ruas General Osório (antiga Rua Nova) e Duque de Caxias (antiga Rua Direita, da Cadeia e da Baixa) que contava com a participação da população em geral como expectadores e dos estudantes e “autoridades” civis e militares como integrantes das execuções. Escreve a matéria:

A Parahyba vibrou nestes dias consagrados à rememoração do grande feito de 1822 entusiasta e cheia de civismo. Foram sete dias supreendentes de comunicatividade entre os nossos homens públicos e o povo, que numa eclosão de jubilo apoteosava a excelsa Pátria, em surtos de Patriotismo, à passagem da grande data. (Revista *Era Nova*, 1922).

Além das *festas cívicas* é preciso registrar as *festas populares*. Estas são menos registradas pelos jornais e revistas locais, mas se fazem presente nas lembranças daqueles que viveram estes festejos nas primeiras décadas do século XX. Ao entrevistarmos uma antiga moradora em uma das principais vias que liga a Cidade Baixa à Cidade Alta, a Rua da República, fala das festas da cidade:

Ah! Festa na minha época... Minha filha tinha a Festa da Conceição, Nossa Senhora da Conceição, que é da Igreja ali de São Miguel, na Rua São Miguel. Era festa viu! Começava na Praça da Pedra e ia até o final da Rua São Miguel, lá perto do matadouro. Isso começava no fim de novembro e ia até o dia oito de dezembro. Era o dia da padroeira. Mas olhe era luxo. Cada um que fizesse seu vestido mais bonito para desfilar.

E complementa:

E havia a Festa dos Reis, que depois dessa festa da São Miguel aí vinha para aqui, pra Visconde de Itaparica, conhecida como Rua da Travessa. Vinha a Festa de Reis da mesma maneira. Passava em frente ao cemitério e começava aqui na esquina e ia até depois do cemitério com carrossel, barca, montanha russa, aquelas onda

Brasil. Era bem assim, essa era de Reis. Tinha lapinha, pastoril e tinha o mês de dezembro. Tinha uma barca, uma nau catarineta.[...] Eu tenho muitas saudades daquele tempo, porque hoje em dezembro não tem nenhuma diversão aqui, nem lapinha, nem nau catarineta, nem pastoril. (Senhora residente na Rua da República em 27 de setembro de 2005).

Nas lembranças da antiga moradora da Rua da República, percebemos a importância das festas na vida da cidade. A vida era marcada por festas mesmo que a razão da sua existência sejam os motivos cristãos: homenagens aos santos padroeiros, comemoração do Natal ou Dia de Reis.

A Festa de Nossa Senhora das Neves

A Festa das Neves foi assim denominada em homenagem à Nossa Senhora das Neves, a padroeira da cidade da Parahyba, cuja fundação data de 05 de agosto de 1585 e que também nomeará a primeira capela erguida na então cidade real. Desde o início esta festividade apresentava celebrações sagradas e profanas. A festa sacra acontecia na Igreja Matriz de Nossa Senhora das Neves, na Rua Nova, primeira artéria da cidade. A princípio caracterizava-se enquanto atos litúrgicos e procissões pelas ruas da cidade. Já a profana dava-se a partir de manifestações que aconteciam no pátio da igreja. Segundo a historiografia tradicional, inicialmente, quem participava da festa profana eram índios e posteriormente os negros, que dançavam em rodas em volta de grandes fogueiras armadas na frente do templo, mas assistidas pelos membros mais nobres e pelas autoridades eclesiásticas. (LEAL, 1992). Veja-se que já neste momento percebe-se a separação entre os espectadores e os que faziam a festa, pelo menos a profana.

Sabe-se que no século XIX as mudanças sociais, econômicas e culturais que ocorrem em todo o mundo têm repercussões no Brasil e, por conseguinte, nas suas cidades e na vida dos seus habitantes. Na cidade, muitos edifícios e espaços religiosos vão ser substituídos por espaços públicos: igrejas e adros são demolidos para serem construídos palácios, praças e jardins. Assim, os lugares de encontro e de festejos que estavam limitados às igrejas e adros, estendem-se cada vez mais ao espaço das ruas. Estas, que tinham como principal função a de caminho de ligação, entre as habitações e a igreja, sobretudo para as mulheres, passam a ter um novo uso, o do encontro, o da

feira. Tais alterações vão também se dar na Cidade da Parahyba que até o início do século XIX era caracterizada pela pouca expressão, como escreve Archimedes Cavalcanti, em seu estudo sobre a cidade da Paraíba, na época da independência do Brasil: “sem expressão demográfica, com sinais visíveis de burgo provinciano, a Cidade de Parahyba, no ano da Independência, ocupava estreita área territorial.” (Cavalcanti, 1972, p. 38).

Apesar do pequeno incremento nas atividades comerciais, até o século XIX, a cidade da Paraíba apresenta uma singela configuração fortemente atrelada aos ritmos (crises e ápices) das produções agrícolas, especialmente da cana-de-açúcar. Além disso, a sua vida social era marcada principalmente pela ausência de um dinamismo próprio, destacando-se apenas as festas religiosas que provocavam a convergência dos "brancos senhores" para essa cidade; e que portanto, permanecia como uma configuração espacial intermediária do campo onde havia uma vida dinâmica.

Vale registrar que na Paraíba, como em todo litoral nordestino, não é a instalação das fazendas de café, mas a passagem do engenho para a usina de açúcar que vai marcar as alterações socio-econômicas no final do século XIX e início do século XX. É, nesse tempo, que os engenhos de açúcar começam a substituir a roda d'água e o boi pelo “locomóvel a lenha”. (Mariz, 1978, p.25). E posteriormente, com a passagem do engenho para a usina⁹, a cidade recebe significativas alterações já que os agora usineiros e não mais senhores de engenho residirão na cidade e que para tanto construirão exuberantes palacetes. Nesse período, se a Festa das Neves já se configurava como sendo o festejo mais importante da cidade, ela ganha maior destaque no calendário da cidade, como também receberá maiores incrementos. Agora já não estava restrita ao pátio da igreja, mas a toda Rua Nova, tornando-se palco dessa dimensão cultural da cidade da Parahyba. Ainda no final do século XIX, a Festa das Neves vai se configurando cada vez mais uma *feira tradicional*. Muito embora os pobres, os negros e os mestiços também participem, há demarcação espacial para cada classe social. Pois ela também é uma festa da elite. Se antes os fidalgos e as autoridades apenas assistiam a festa profana, agora eles também participam, não só das celebrações religiosas, mas também das danças, dos encontros, enfim, dos festejos profanos.

⁹ Data de 1888 a “primeira usina” da Paraíba, Usina São João, que, como disse Horácio de Almeida, “ não era ainda uma usina, talvez menos de meia usina, denominada Engenho Central”. (Almeida, 1966, p. 199).

No início do século XX a festa passa por novas transformações ocasionadas principalmente pela maior dinâmica urbana e pelos novos serviços que ganha a cidade. Com a instalação de alguns equipamentos modernos, - e aqui nos cabe ressaltar principalmente o papel exercido pela implementação do serviço de iluminação, na cidade – a rua ganha um outro uso em outro tempo: as festas, os reizados, o pastoril, o teatro, entre outros vão ocorrer nas ruas da cidade e durante a noite. Além da iluminação, o alargamento, o calçamento e o arruamento, além da construção de praças e jardins públicos possibilitarão que as festas sejam celebradas nas ruas da cidade.

O depoimento de um antigo morador da cidade nos conta como se estabelecia a demarcação espacial na Festa das Neves:

Em frente à igreja, à Catedral, depois da procissão, ficavam em frente aos pavilhões, as moças e os rapazes da cidade. Os rapazes quando não estavam nos pavilhões, pois aí para ficar precisavam gastar mais, ficavam em pé, em conversas com outros, meio enfileirados em ambos os lados da rua. Entre eles desfilavam as moças da cidade, as moças de família. Aí aconteciam as paqueras e os namoros. Mas tudo terminava as nove horas. Tudo não, somente esta parte da festa. Porque nessa hora, as moças iam para casa e os rapazes ainda ficavam, mas iam para o lado da igreja, que chamavam a “Bagaceira”. Lá se encontravam com as moças da vida, as prostitutas e a festa era outra. (Senhor residente na cidade em 07 de novembro de 2005).

A respeito do “toque das nove horas”, o Jornal *A União* em 1932, traz uma descrição da cidade e resalta este antigo costume:

Alguns de seus aspectos dão-lhe mesmo a impressão de cidade grande. Já se vê o movimento nas ruas. O hábito de recolher às nove horas é que persiste só para demanchar (sic) a figura da gene diante os aventícios que sorriem dessa pontualidade de militar. Os homens demoram um pouco mais. As onze, entretanto tudo dorme. A cidade fica, então totalmente deserta. (Jornal *A União*, 21 de outubro de 1932).

A lembrança do “toque das nove” muito nos diz sobre o cotidiano da cidade, da vida dos seus habitantes e do tempo vivido. As festas simbolizavam a ruptura ou a explosão da vida cotidiana, mas também o seu continuum. E a vida na Cidade da

Parahyba no século XIX e nas primeiras décadas do século XX também tinha seus momentos de “explosão”, de manifestação viva, de alegria. Tais momentos representavam os costumes, os ideais, as crenças e também as diferenças, as fragmentações e os conflitos da sociedade. Entre estas manifestações, a que mais marcava o calendário anual era a Festa das Neves, esta era “a” festa da cidade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Horácio de. *História da Paraíba*. (Tomo 1). João Pessoa: Imprensa Universitária, 1966.

ATIENZA, Juan G. *Festa populares e insólitas: la España mágica de la A a la Z*. Barcelona: Fontana Fantástica, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

CAVALCANTI, Archimedes. *A cidade da Parahyba na época da independência*. (Edição comemorativa do sesquicentenário). João Pessoa: Imprensa Universitária, 1972.

CHAGAS, Waldecir Ferreira. *A singularidade da modernidade na cidade da Parahyba nas décadas de 1910 a 1930*. Tese de doutorado (Pós-graduação em história). Recife-UFPE. Julho de 2004.

COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

CREPSCHI, Maria Célia. *Num tempo e num espaço, fora do tempo e fora do espaço: um estudo do ciclo junino em Piracicaba-São Paulo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992. Tese (Doutorado em Antropologia).

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1991.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

EVELYN, Suzanna Sochaczewski. *Cadê a festa? Estudo das migrações temporárias de um grupo de trabalhadores rurais do Sertão da Bahia para a cidade de São Paulo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

LEAL, Wills. *Memorial da Festa das Neves*. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 1992.

LEFEBVRE, Henri . *Critique de la vie quotidienne. (Volume II) - Fondements d'une sociologie de la quotidienneté*. Paris: L'Arche, 1961.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne. (Volume I) - Introduction*. Paris: L'Arche, 1958.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LOUREIRO, Isabel Moura & KULESZA, Wojciech Andrzej. *As Festas Escolares: Um Sentimento Patriótico*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2005. (Relatório PIBIC/CNPq/UFPB).

MAIA, Doralice Sátyro. *Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa-PB*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Geografia Humana).

MARIZ, Celso. *Evolução econômica da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1978.

NIETZSCHE, F. *A origem da tragédia*. Lisboa: Guimarães, 1996.

PRAT, Joan & CONTRERAS, Jesús. *Les festes populars*. Barcelona: Amélia Romero Editora, 1987.

ROSENDHAL, Zeny. *Espaço & Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro, UERJ, 1996.

Recebido para publicação em maio de 2008
Aprovado para publicação em junho de 2008